



ESCATOLOGIA

Carlos Adeneyr



EMENTA ESCATOLOGIA

I. EMENTA: Muito se tem falado nos últimos dias sobre o fim dos tempos por causa da atual situação mundial. Especulações quanto a volta de Jesus e o cumprimento do Apocalipse tem viralizado na Internet. Diante deste quadro, surge a necessidade de um estudo sério à luz das Escrituras sobre este tão importante e atual assunto. Para isso, algumas perguntas precisam ser respondidas:

1. Qual o significado das visões de Daniel em seu livro e como elas se relacionam com o Sermão profético de Jesus nos Evangelhos?
2. Qual o estilo literário do Apocalipse?
3. Quais as principais linhas de interpretação do Apocalipse 20?
4. O que é o milênio?
5. Há como prevê, diante dos atuais acontecimentos, quando será a volta de Jesus?

II. OBJETIVOS

GERAIS: Permitir que os alunos tenham uma visão básica da escatologia apresentada nas Escrituras e as principais correntes teológicas da atualidade, diante de um panorama histórico e canônico.

ESPECÍFICO – Apresentar um panorama do que as Escrituras dizem sobre os “últimos dias”, comparando os principais textos e apresentando as principais linhas de interpretações.

III. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

3.1. Introdução à disciplina

1. Definição do termo “escatologia”
2. O desenvolvimento escatológico ao longo da história

3.2 Conteúdo



1. Visão panorâmica do livro de Daniel
2. Visão panorâmica do livro de Apocalipse
3. O Sermão Profético de Jesus nos Evangelhos Sinóticos
4. Comparações
 - 4.1 – Daniel e Apocalipse
 - 4.2 – Daniel e o Sermão Profético de Jesus
5. As Principais linhas de interpretações do Milênio

IV. MÉTODO DIDÁTICO: Aulas expositivas utilizando leituras de artigos.

V. ATIVIDADES E FORMAS DE AVALIAÇÃO: Serão desenvolvidas ao longo do módulo atividades diagnósticas com a finalidade de avaliar o nível de aprendizagem da turma.

VI. ATIVIDADE AVALIATIVA: O aluno será avaliado através de um questionário com valor total de 100 pontos contendo todo o conteúdo apresentado em aula e apostila.

Todas as atividades serão realizadas na plataforma Google, tanto para os alunos presenciais quanto para os alunos online.

VII. DATA DA AVALIAÇÃO: A avaliação estará disponível de 4 a 7 de junho no Google Sala de Aula sendo o prazo máximo para a entrega às 23:59 do dia 7 de junho.

VIII. BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. BECKWINT, Cal L. – Comentário Bíblico da Reforma Ezequiel e Daniel
2. BENTZEN, A – Introdução ao Antigo Testamento vol. II
3. DUGIND, Ian M. – Estudos Bíblicos Expositivos em Daniel
4. ERDMAN, Charles R. – Apocalipse de João
5. GILBERTO, Antônio – Daniel & Apocalipse
6. GRONINGEM, Gerard Van, Criação e Consumação Vol. III
7. JACKMAN, David - Descobrendo a Bíblia
8. KISTEMAKER, Simon – Comentário do Novo Testamento Apocalipse
9. OSBORNE, Grant R. – Comentário Exegético de Apocalipse
10. SPROUL, R. C. - Os Últimos Dias Segundo Jesus



INTRODUÇÃO

Um dos maiores desafios enfrentados é manter o equilíbrio entre a tentação de enquadrar os eventos atuais às profecias e o menosprezar, completamente, o que as profecias dizem.

É preciso considerar que todos os registros proféticos nas Escrituras possuíam uma mensagem para os dias do autor, sendo assim, as profecias de Daniel, o Sermão Profético de Jesus e o Apocalipse (as profecias que abordaremos em nosso curso) possuíam uma mensagem para os dias do autor que não pode ser ignorado por nós. Mas, estes textos não se remetem apenas ao passado, pois eles possuem uma mensagem para todas as épocas, e esta sim, aplica-se aos tempos atuais.

O desafio, ao longo deste curso, será descobrir e entender esta mensagem para todas as épocas e olhar com equilíbrio as profecias.

Que o Bondoso Senhor Jesus nos ajude ao longo desta jornada!



CAPÍTULO 1

ENTENDENDO O QUE É ESCATOLOGIA

1. DEFINIÇÃO DO TERMO

O termo escatologia surgiu a partir de 1844 e é formado pela aglutinação de duas palavras gregas *εσκατον* (*escaton* - último) e *λογιαν* (*logian* - tratado, estudo). Tecnicamente, escatologia é a ciência que estuda a morte, o estado da alma após a morte, o arrebatamento da igreja, o Juízo Final, o milênio, o anticristo, a “Grande Tribulação”, a ressurreição dos mortos, o céu e o inferno, a segunda vinda de Jesus e todos os assuntos relacionados ao fim da história da humanidade como a conhecemos hoje. Mas é importante entender que a linguagem escatológica não difere da linguagem teológica, e para entendermos esta ciência precisamos do auxílio, principalmente, da Teologia Bíblica e Teologia Sistemática.

Algo digno de nota é o fato da teologia nascer da curiosidade, das perguntas e inquietações da alma, e é neste contexto dialético que a escatologia nasce como uma tentativa de resposta, um raio de esperança para todos aqueles que dedicaram sua existência vislumbrando a “última de todas as realidades”. Isto, porque, a escatologia não tem como seu principal foco os últimos eventos, mas, o seu objetivo principal é entender o Último Evento. Os cristãos não se dedicam a entender o *εσκατα* (*escata* – plural – *últimos eventos*), mas o *εσκατον* (*escaton* – singular – *último*). Os olhos estão voltados para o futuro absoluto, Jesus, a plenitude dos tempos, o evento escatológico por excelência, que coloca toda a nossa existência sob juízo divino determinando o destino final e definitivo de toda criação.

2. O DESENVOLVIMENTO ESCATOLÓGICO AO LONGO NA HISTÓRIA

Uma grande dúvida que se tem é quando a segunda vinda de Jesus e seus eventos começam ser apontados nas Escrituras. Alguns defendem que os eventos que envolvem a Segunda Vinda de nosso Senhor nos são apresentados



apenas no Novo Testamento. Contudo, olhando com um pouco mais de atenção em como se desenvolve a revelação, entendemos que ela é histórica, progressiva, orgânica e adaptável. Sua característica progressiva evidencia que todos os elementos da revelação nos são apresentados desde o início, estando presentes na porção original, ainda que em caráter embrionário. Quando olhamos para o livro de Gênesis, encontramos o embrião escatológico ainda no Éden. Mais adiante temos a narrativa do dilúvio que é um sinal escatológico mencionado pelo próprio Jesus (Mt 24. 37, 38), e assim como foi nos dias de Noé, quando o juízo de Deus veio sobre aquela geração, assim será na vinda do Filho do Homem. Mas, assim como naqueles dias, os que estavam dentro da arca foram salvos da ira (juízo), os que estão em Cristo são salvos da ira vindoura (I Ts 1. 10). Juízo e salvação são apresentados nestes textos numa abordagem escatológica e a explicação dada no Novo Testamento confirma isto. Isso deve-se ao fato de que a mensagem central das Escrituras é escatológica permeando toda a narrativa bíblica contemplando todas as dimensões da alma, sendo esperança, motivando-nos a andar e olhar para frente transformando o presente. A perspectiva escatológica é característica de toda proclamação cristã. A igreja nasceu envolvida pelo véu escatológico da esperança iminente da volta do Senhor, crendo que a qualquer momento ele fosse voltar.

Tal pensamento era influenciado pelo fervor messiânico da cultura judaica, lembrando que muitos dos convertidos eram judeus; a literatura intertestamentária; a instituição de uma refeição escatológica (a Eucaristia) feita por Jesus; os Sermões Proféticos de Jesus e suas parábolas; a ação do Mestre ao acolher pecadores em atitude perdoante; o ensino na oração do Pai Nosso; a insistência dos escritos apostólicos nas celebrações e orações convidativas à vinda gloriosa do Senhor. Em tudo isso está presente a esperança escatológica dos primeiros cristãos.

Com o crescimento do cristianismo e o fim do mundo antigo, a sociedade medieval passa a conceber o tempo a partir da dinâmica da história da salvação. O pensamento comum na Idade Média era que a história da humanidade teve seu início na criação do homem e chegaria ao seu final no Juízo Final e volta do Senhor. Esta forma de interpretação se baseia no entendimento linear das profecias do Apocalipse. Nessa visão, a encarnação de Jesus seria o ponto central da história. Uma vez vindo ao mundo, o Messias expiou os pecados



concedendo redenção ao homem e a esperança de vida eterna. A trajetória do homem estaria subordinada a história da salvação, o grande autor da história seria Deus e os homens instrumentos de seu projeto divino. O passado, o presente e o futuro eram preparação para a vinda gloriosa de Cristo no fim dos tempos. Diante disso, o fim do mundo acaba ganhando grande peso no imaginário social durante a Idade Média. As visões de João no Apocalipse foram objeto de estudo de teólogos, filósofos e historiadores medievais. Nessa concepção de tempo linear, o futuro poderia ser previsto, logo as narrativas do último livro do Novo Testamento, mais do que simbólicas eram consideradas reflexos de acontecimentos contemporâneos ou previsões do que estaria por vir.

A visão escatológica oficial da Igreja concebia a história humana de forma binária, dividindo-a em duas fases: a primeira começando na criação e terminando com o início do Império Romano; a segunda com o nascimento de Cristo e terminando com a volta de Cristo e o Juízo Final. Ao final desta, antes da volta de Cristo e do fim dos tempos, alguns elementos surgiriam como sinais do Apocalipse, como as pestes, guerras e tragédias, a conversão em massa dos judeus e o Anticristo.

Com o passar do tempo e o desenvolvimento da escatologia, outras linhas de interpretação foram se fortalecendo, dividindo-se basicamente em três correntes mais comuns em nossos dias que são: Pré Milenismo, Amilenismo e Pós Milenismo. Estas linhas tem como base Apocalipse 20 que é o único lugar nas Escrituras onde encontramos, literalmente, Satanás preso por mil anos, e toda discussão gira em torno da literalidade, ou não literalidade deste texto.

Tanto a abordagem Pré Milenista quanto a Pós Milenista, diferem da doutrina escatológica oficial da Igreja Primitiva, pois vislumbram um tempo de paz e prosperidade sob a égide de Cristo antes do Juízo Final, todavia, a Igreja começava a observar tais ideias com certa desconfiança. Estas correntes ganham maior expressão com as teorias do abade cisterciense Joaquim de Fiore proveniente da região da Calábria. Diferente da concepção oficial escatológica de uma história da salvação binária, cujo centro é o nascimento de Jesus, Joaquim de Fiore formulou a teoria de que a trajetória da salvação e, conseqüentemente, do ser humano, divide-se em três eras, de acordo com as três pessoas da Trindade. Esta posição é conhecida como Milenarismo.



CAPÍTULO 2

ENTENDENDO AS PROFECIAS

1. VISÃO PANORÂMICA DO LIVRO DE DANIEL

1.1 - INTRODUÇÃO

A divisão básica do Cânon bíblico que aprendemos quer seja na Escola Dominical ou na Classe de Novos Membros (ou Catecúmenos) é: Antigo Testamento e Novo Testamento. O Antigo Testamento que é a Bíblia dos hebreus é dividido em: Leis, Históricos, Poéticos, Profetas Maiores e Profetas Menores.

Os judeus dividiam o Cânon em apenas três partes: *Leis, Profetas e Escritos* (Leis, *תורה*, *נביות*, *כתובים*), sendo que os profetas se dividem em profetas anteriores e profetas posteriores.

A terceira parte do Cânon hebraico é chamada de *ketubim* (כתובים), *escritos*. Compreende 11 livros: *Salmos, Provérbios* e *Jó*; os chamados de “cinco volumes” *megilloth* (מגילות *rolos*), dispostos segundo as cinco grandes festas do calendário judeu, a saber: O Cântico dos Cânticos (lido na festa da Páscoa), Rute (na festa das Semanas, Pentecostes), Lamentações (no 9º dia do Abib, dia da memória da dupla destruição de Jerusalém em 586 a.C. e 70 a.D.), *Eclesiastes* (na festa das Tendras) e *Ester* (na festa do Purim). Esses cinco livros são contados como rolos separados. Encerrando a coleção temos o livro apocalíptico de Daniel e as obras históricas *Esdras-Neemias* e *Crônicas* que encerra o Cânon judaico.

1.2 – PANORAMA DE DANIEL

O livro de Daniel é dividido em duas seções distintas, sendo que a primeira seção (capítulos 1 a 6) narra os acontecimentos que envolvem Daniel e seus três amigos. Nesta seção, encontramos as três mais famosas histórias do livro e estas estão entre as mais conhecidas histórias bíblicas: A fornalha de fogo de Nabucodonosor (capítulo 3), a escrita na parede na festa de Belsazar (capítulo 5) e a cova dos leões de Dario (capítulo 6). O capítulo que se distingue nesta seção é o cap. 2 onde Nabucodonosor tem um sonho de uma estátua bizarra e os sábios são convocados para interpretar o sonho do rei. O desafio era saber o



que o rei havia sonhado e dar ao rei uma interpretação convincente (Dn 2. 5, 6). Diante da impossibilidade de resolver tal dilema, Daniel se apresenta ao rei, e depois de um tempo de oração, é capaz de evitar um desastre ao discernir tanto o sonho quanto sua interpretação. Esta visão do capítulo 2 apresenta os impérios que sucederiam ao babilônico (Medo-Persa, Grego e Romano). Esta visão vai se repetir na segunda seção e a cada repetição ela vai sendo ampliada descrevendo mais e mais detalhes dos impérios que viriam posteriormente.

A segunda seção não traz histórias tão conhecidas como a primeira, ainda assim elas contêm passagens individuais que são bastante conhecidas por seu conteúdo teológico. Exemplo disso é o capítulo 7 que apresenta uma figura chamada de Filho do Homem, uma designação que Jesus usou para si mesmo. Ao usar tal designação, nosso Senhor está evocando para si um título messiânico que mudava a concepção que os seus contemporâneos tinham do Messias. Para o judeu do primeiro século o Messias era o braço forte do Senhor de Isaías (Is 53. 1), aquele que vem como Davi, espada em punho pronto para destruir os inimigos, no caso, o império romano. Isto estava tão impregnado na mentalidade do judeu que os discípulos de Jesus o perguntaram, após a sua ressurreição, se aquele era o tempo em que o reino de Israel seria restaurado (At 1. 6), ignorando que o reino não é geográfico, nacionalista, mas é muito maior do que tudo isto. Sendo assim, Jesus utiliza o título dado por Daniel ao Messias para salientar o ponto inicial do Reino dos Céus na terra, enfatizando que o Reino seria estabelecido com o sofrimento do Filho do Homem.

O capítulo que abre a segunda seção do livro, em vários aspectos, nos remete ao capítulo 2. No capítulo 7 Daniel tem um sonho, no capítulo 2 Nabucodonosor tem um sonho. Além desta semelhança, a estátua do capítulo 2 possui cinco partes (cabeça, peito e braços, ventre e quadris, pernas e por último pés), no capítulo 7 temos quatro animais (leão, urso, leopardo e um grande animal) e um chifre pequeno. As semelhanças não param por aí, os temas abordados nas duas visões são os mesmos, os impérios que sucederiam ao babilônico e a vinda do Reino Eterno.

Nesse aspecto, o livro de Daniel é muito semelhante ao livro de Apocalipse de João, ambos recontam a mesma história ampliando os detalhes a cada apresentação. Quanto a este assunto, veremos mais à frente.



Os quatro animais representam os quatro impérios que dominariam o mundo. O leão representava o império babilônico com sua força e beleza. As asas de águias arrancadas tem gerado certa discussão entre os estudiosos, porém, em sua maioria acreditam ser uma referência a humilhação sofrida por este império. O urso era o império medo-persa, por isso um dos lados era maior e as três costelas representavam os três reinos devorados por este urso (Lídia 546 a.C., Babilônia 539 a.C., Egito 525 a.C.). O leopardo era a Grécia e as quatro asas, os quatro generais que dividiram o império após a morte de Alexandre o Grande. O quarto animal é diferente de tudo o que Daniel conhecia. Devorava, pisava e possuía um grande poder destrutivo. Este animal possui dez chifres que correspondem a dez reis (7. 24) e depois destes, se levantará outro rei que também será diferente dos demais até a vinda do Reino Eterno.

O capítulo 8 acontece dois anos após a visão narrada no capítulo 7. Esta é uma visão mais específica quando apenas dois impérios são apresentados (no capítulo 7 nos é apresentado os quatro impérios). O carneiro representando o império medo-persa, cujos chifres simbolizavam os governantes deste império, sendo um mais elevado (importante) do que o outro. E o bode cuja velocidade e poder destrutivo eram impressionantes, representando a Grécia e seu poder nas conquistas.

Os capítulos 7 e 8 estão intimamente relacionados. A visão do capítulo 7 prevê quatro reinos representados na forma de animais que são cada vez mais terríveis em aparência e conduta. A visão do capítulo 8 prevê duas criaturas em mais detalhes. Novamente um império humano é responsável por infligir sofrimento sobre o povo de Deus.

No capítulo 9, Daniel se revela como um estudioso, um erudito que estuda os antigos profetas, justamente por isso ele ora confessando o pecado do povo. Sua oração resultou em outra visão na qual o anjo Gabriel relata a misteriosa revelação das setenta semanas. É fundamental entender que os números e símbolos em Daniel não são literais e suas profecias não podem ser interpretadas de forma linear. Uma característica do livro é que os capítulos iniciam com uma problemática que vai sendo resolvida ao longo do capítulo.

Os capítulos 10 a 12 relatam a visão dramática que Daniel teve onde ele vê uma tentativa de destruir o judaísmo no 2º século a.C. pelo governante grego Atíoco IV Epifânio. Esse rei é a personificação do governante humano cheio de



pompa. Apesar de não conseguir aniquilar o povo de Deus, ele é capaz de lhe causar sofrimento sem precedentes. No final, as forças sobrenaturais do céu intervêm para assegurar a vitória do Reino de Deus.

A questão das línguas em que o livro foi escrito constitui um enigma aparentemente insolúvel. Sem nenhuma causa aparente o livro inicia em hebraico até a primeira parte de 2. 4. Da segunda parte do versículo 4 até 7. 28 em aramaico e do capítulo 8 ao 12 novamente em hebraico.

Muitas hipóteses surgiram na tentativa de explicar esta anormalidade. Alguns críticos pensaram que o princípio e o fim do livro foram traduzidos para o hebraico, a partir do aramaico, a fim de garantir ao livro o padrão de escrito canônico; outros pensam que, em razão de um acidente, o meio do livro só foi preservado em aramaico; outros pensam que um autor macabeu encontrou poções em aramaico e fez um novo arranjo. A verdade é que não sabemos a razão porque este livro possui esta característica em seus autógrafos¹. É bem verdade que nada disso muda a essência do livro de Daniel

Os capítulos 10 e 11 descrevem com grande riqueza de detalhes os eventos do período intertestamentário a ponto de alguns estudiosos afirmarem que seria impossível a Daniel escrever esta parte do livro. O que estes estudiosos ignoram é o caráter revelacional das Escrituras, bem como, o fato desta particularidade não se limita ao livro de Daniel. Encontramos no livro do profeta Isaías menção a Ciro, incluindo o nome deste persa. Contudo, isto não é de se estranhar no registro canônico. Os evangelistas registram a profecia de Jesus quanto a destruição do templo de Jerusalém antes que acontecesse.

A abordagem final do livro é altamente escatológica tratando de forma brilhante sobre os últimos eventos, revelando detalhes e ampliando as profecias de forma que se assemelha em muito aos escritos do Novo Testamento.

2. VISÃO PANORAMICA DO APOCALIPSE

2.1 INTRODUÇÃO

Um dos livros que os cristãos modernos possuem grande dificuldade é o Apocalipse. Na cultura ocidental, o nome do livro se tornou sinônimo de tragédia e destruição. No cinema, literatura e consciência coletiva, quando falamos em apocalipse, estamos nos referindo a destruição do mundo.

¹ Texto mais antigo encontrado



Contudo, o livro do Apocalipse não encobre, mas revela; não envolve em sombras, mas traz luz; não oculta, mas descortina. Isto é muito claro na forma como João inicia o livro:

1 Ἀποκάλυψις Ἰησοῦ Χριστοῦ ἣν ἔδωκεν αὐτῷ ὁ Θεός· δεῖξαι τοῖς δούλοις αὐτοῦ ᾧ δεῖ γενέσθαι ἐν τάχει καὶ ἐσήμανεν ἀποστείλας διὰ τοῦ ἀγγέλου αὐτοῦ τῷ δούλῳ αὐτοῦ Ἰωάννῃ.

O livro inicia com a poderosa declaração que dá nome ao livro Ἀποκάλυψις (*Apocalypis*) cuja tradução é *revelação*, assim, o livro é a revelação de Jesus Cristo. A dificuldade da maioria dos que leem o Apocalipse é focar em seus muitos símbolos (dragão, bestas, anticristos, o número da besta...), mas o grande tema deste livro é: “O Cordeiro é o vencedor em tempos difíceis”.

2.2 PANORAMA DO APOCALIPSE

Para o estudante ocidental, Apocalipse é um livro de difícil interpretação, embora, de modo geral, seja mais simples que os Evangelhos. O que dificulta a interpretação deste livro são os simbolismos, a estrutura de Quiasmo, o estilo literário, a mentalidade apocalíptica por trás do livro, a relação com o presente, a discussão se os eventos narrados são futuros e o uso do Antigo Testamento. A função do simbolismo é amplamente debatida, especialmente com respeito a sua relação com o passado, com o presente e com o futuro. Tudo isto se relaciona com as diversas linhas de interpretações do livro. Alguns o interpretam como se todos os eventos já tivesse ocorridos. Tal linha de interpretação é conhecida como preterista. Os defensores deste modelo de interpretação defendem que os eventos catastróficos narrados no livro tem seu ápice na destruição do templo de Jerusalém em 70 a.D. Outra linha de interpretação é a futurística que lança todos os eventos descritos no livro para o futuro ignorando completamente a mensagem para os dias do autor. Uma área de convergência de opiniões entre a maioria dos comentários é que os antecedentes devem ser procurados na mentalidade apocalíptica comum dos dias de João. Ainda assim, ninguém conseguiu propor um esboço que ao menos chegue perto de um consenso. Outro problema na interpretação do Apocalipse é a relação entre selos, trombetas e taças com os longos interlúdios que os interrompem. A soma de todos estes fatores, juntamente com outros, trazem certa dificuldade ao homem ocidental do século XXI de interpretar corretamente o Apocalipse.

2.2.1 FORMAS DE INTERPRETAÇÃO DO APOCALIPSE

Ao longo do tempo diversas formas de interpretação do Apocalipse foram desenvolvidas pelos teóricos.

- a) Interpretação Linear – Alguns viam os eventos narrados no Apocalipse como dispostos subsequentes. Nesse modelo de interpretação os eventos podem ser facilmente previstos, e as narrativas do último livro do Novo Testamento passam ser consideradas reflexos de acontecimentos ou previsões do que estaria por vir.
- b) Interpretação Cíclica – Neste modelo são apresentados pequenos ciclos de eventos que se relacionam com os demais sem maior ligação ou interdependência. O principal problema deste modelo de interpretação é a destruição da unidade textual presente no Apocalipse, tornando o livro em uma colcha de retalhos.
- c) Interpretação Preterista – Os defensores desta linha de interpretação afirmam que todos os eventos narrados no Apocalipse já se cumpriram, e que o livro foi escrito na década de 60, no período do reinado de Nero, e apontava para a destruição do templo de Jerusalém (21. 22) no ano 70 d. C., mostrando que o Reinado Messiânico seria estabelecido plenamente quando os olhos se voltasse para o verdadeiro Templo deixando o templo de Jerusalém.

Uma das principais objeções a este modelo de interpretação são históricas. 1) Em Apocalipse 3. 17 mostra a recuperação independente de Laodiceia que melhor se harmoniza com os eventos pós terremoto e a reconstrução da cidade em 80 d. C.; 2) a frase “*não danifiques o azeite e o vinho*” (6. 6) remete provavelmente a um édito de Domiciano em 92 d. C., pelo qual se restringia o cultivo de vinhas na Ásia; 3) as referências às “*sinagoga de Satanás*” (2.9; 3. 9) podem ser mais bem situadas no ambiente dos conflitos que aconteceram no período de Domiciano; 4) é possível que a igreja de Esmirna (2. 8 – 11) ainda não existisse na década de 60; 5) a “*ferida mortal fora curada*” (13. 3, 12, 14) pode muito bem apontar para a lenda do Nero redivivus, que se desenvolveu nas décadas de 80 e 90.

- d) Interpretação Futurística – O futurismo interpreta os capítulos 4 a 22 principalmente como eventos que acontecerão no fim da história, introduzindo o escaton. Há duas versões desse método: o dispensacionalismo e aquilo que tem sido chamado de “*pré-milenismo clássico*”. Os dispensacionalistas acreditam que Deus conduziu seu plano de salvação por uma série de dispensações ou



estágios centralizados na eleição que Ele fez de Israel como seu povo da aliança. Portanto, a Era da Igreja é um interlúdio nesse plano, enquanto Deus se volta para os gentios até que o povo judeu passe por um avivamento de âmbito nacional (Rm 11. 25 – 32). No final dessa era, a igreja será arrebatada, inaugurando-se assim uma tribulação de sete anos, no meio dos quais o Anticristo se revelará e instigará a “grande tribulação” ou grande perseguição dos 144 mil e daqueles do povo de Israel que houveram se convertido ao cristianismo, no final desse período virá a parúsia, quando Cristo voltará para julgar, seguido de um milênio literal (20. 1 – 10), do julgamento do trono branco (20. 11- 15) e do início da eternidade no gozo celestial (21. 1 – 22. 5). O pré-milenismo clássico é muito parecido com o pensamento dispensacionalista, mas sem as dispensações e se divide em pré-tribulacionista e midi-tribulacionista. Quanto a estes grupos veremos mais adiante.

A escola de pensamento futurista também apresenta suas fragilidades: ela desenvolve uma perspectiva que elimina a relevância do livro para os cristãos do primeiro século e pode descambar para mera especulação, dissociada do contexto dos leitores originais. Se existisse apenas eventos sem um sentido simbólico/teológico, grande parte da intensidade de sentido do livro pode ser perdida.

e) Interpretação Espiral – Aqueles que entendem o Apocalipse a partir desta linha de interpretação veem as seções do livro como repetições da mesma história, sendo que a cada seção novos detalhes são adicionados.

Esta linha de interpretação parece melhor se harmonizar com o estilo literário dos livros e profecias que mais se relacionam com o Apocalipse. Encontramos no livro de Daniel, como já vimos, este mesmo estilo quando a profecia de inicial (Dn 2) é desenvolvida na segunda parte do livro (7 – 12). Podemos observar um estilo semelhante no livro de Gênesis (ainda que o estilo literário não seja profético) quando o autor retoma o tema anterior da *tholedoth* ampliando os seus detalhes.

2.2.2 ASPÉCTOS FUNDAMENTAIS DO APOCALIPSE

Há um intenso uso do Antigo Testamento em todo o livro. João utiliza citações, alusões e ecos do Antigo Testamento com muita frequência em sua narrativa. Não há um consenso entre os estudiosos quanto o uso do Antigo



Testamento no Apocalipse, isto se deve a dificuldade de se identificar os ecos² do Antigo Testamento no Novo Testamento. Moyise identificou 122 alusões a Isaías, 97 aos Salmos, 83 a Ezequiel, 82 ao Pentateuco, 74 a Daniel, 73 aos Profetas Menores e 48 a Jeremias. Beale afirma em seu livro *O Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento* que Daniel é o “mais influente” escritor do Antigo Testamento no Apocalipse, reiterando que todo o livro é um *midrash* de Daniel 2 e 7. Talvez esta afirmação de Beale seja um pouco forçada, mas a leitura do apocalipse revela que João encarava todo Antigo Testamento como sua fonte e escolheu livremente dentre suas profundas verdades. O que torna difícil o uso que ele faz do Antigo Testamento é que ele não se vale de fórmulas introdutórias; simplesmente incorpora as alusões e ecos à narrativa. Isso faz com que seu livro seja único entre os escritos do Novo Testamento e aumenta o grau de dificuldade para o intérprete.

Outro aspecto fundamental para o entendimento do Apocalipse é o uso dos recursos literários utilizados pelo autor. João se vale de números, paródias, repetições, referências cruzadas, tipos, figuras, símbolos e quiasmos em sua narrativa. Por isso, é preciso entender que os números, em Apocalipse, são simbólicos. Como exemplo podemos citar os vinte e quatro anciãos (4, 5) que representam os doze patriarcas e os doze apóstolos, contudo o número exato de tribos de Israel são treze porque não temos a tribo de José, mas temos as tribos de seus filhos, Manasses e Efraim. Os doze apóstolos também são treze, saiu Judas e entraram Matias e Paulo. Sendo assim, os vinte e quatro anciãos seriam literalmente vinte e seis. Outro exemplo é o tão discutido 666, o número da besta. João ecoa Daniel trazendo a mesma ideia do tempo do cativo babilônico (Dn 9. 1, 2) quando o profeta fala sobre o tempo que deveria durar o cativo à luz do que entendeu pelos livros, mencionando o profeta Jeremias (Jr 25. 11). No texto de Jeremias há a afirmação do número de anos que deveria durar o cativo, ainda assim, Daniel tem que fazer uma pesquisa para entender que seriam setenta anos (que também não é literal). No Apocalipse João nos

² O uso do AT no NT ocorrem basicamente de três formas: citação – quando o autor no NT copia o texto do AT de forma clara na versão mais usada que é a LXX; alusão – quando o autor do NT menciona o texto do AT sem o citar utilizando (aí não há um consenso) no mínimo duas palavras do texto do AT em sua exposição; eco – quando o autor do NT traz a ideia do texto do AT sem citar uma única palavra. Este último é mais difícil de ser identificado e nem sempre há consenso entre os teólogos nestas passagens.



manda calcular o número da besta (Ap 13. 18) e logo em seguida nos fornece o número 666.

Outro recurso literário utilizado por João é o quiasmo, muito comum na poesia judaica, une a primeira seção a última, a segunda a penúltima e assim sucessivamente até chegar a ideia central.

Observe o exemplo (Ap 1. 4 – 8):

João, às sete igrejas que se encontram na Ásia, graça e paz a vós outros, da parte daquele que é, que era e que há de vir, da parte dos sete Espíritos que se acham diante do seu trono e da parte de Jesus Cristo, a Fiel Testemunha, o Primogênito dos mortos e o Soberano dos reis da terra.

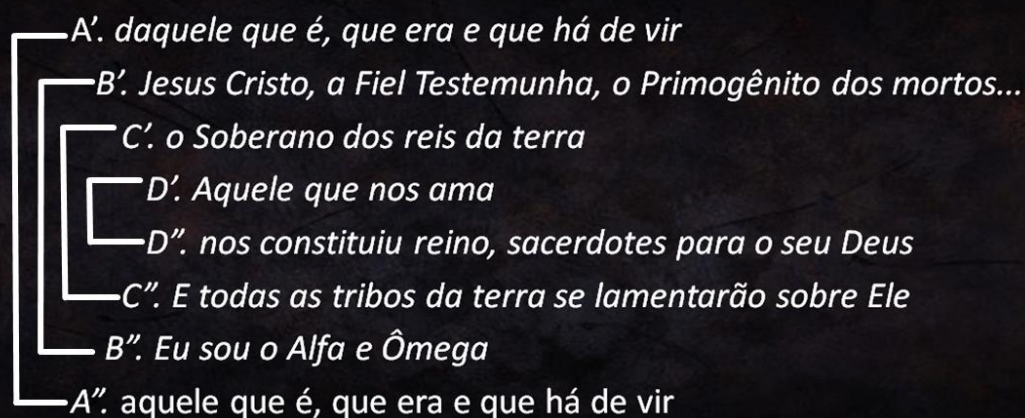
Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados, e nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai, a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!

Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram.

E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Certamente. Amém!

Eu sou o Alfa e Ômega, diz o Senhor Deus, aquele que é, que era e que há de vir, o Todo-Poderoso.

O QUIASMO EM APOCALIPSE 1. 4 - 8



No exemplo citado temos como tema principal da passagem o amor de Deus e o resultado deste amor. O entendimento dos recursos literários utilizados pelo autor constituem-se de instrumentos poderosos para a interpretação do texto.

3 O SERMÃO PROFÉTICO DE JESUS NOS EVANGELHOS SINÓTICOS

Os evangelistas sinóticos registram o discurso escatológico do Senhor Jesus apresentando algumas variações, mesmo que estas não comprometam a legitimidade da mensagem, são importantes na interpretação da mensagem. As variantes na abordagem deve-se ao fato de cada evangelista ter um público alvo e uma figura messiânica central em sua narrativa³.

Os evangelistas começam mostrando que o Mestre estava assentado no monte das Oliveiras observando o templo quando alguns (ou os) discípulos lhe perguntam em particular sobre a destruição do templo, mencionada por ele e que aconteceu no ano 70 d. C., e qual o sinal de que tudo isso está prestes a acontecer. Em sua exposição Jesus dá a entender que a destruição do templo é um paradigma para algo maior. A conexão entre a queda de Jerusalém e a chegada do Reino de Deus, portanto, estavam relacionadas na visão dos discípulos de Jesus e, com certeza estavam também para a audiência dos evangelistas. Jesus e os seus discípulos não eram os únicos a fazerem a conexão entre os dois eventos, pois essa conexão era amplamente aceita pelos zelotes e por outros até a destruição de Jerusalém. Josefo, que escreveu extensivamente sobre a revolta dos judeus em 66 d. C., não deixa menor dúvida de que as estratégias judaicas de defesa foram motivadas por considerações religiosas, na esperança de que o Messias viesse no calor da batalha sobre o templo. Talvez esta tenha sido a principal razão para os judeus fugirem para o templo diante das tropas de Tito em 70 d. C., o que levou os soldados a destruir o templo sobre eles.

A palavra grega *σημειον* desempenha um papel crucial no capítulo 13 do Evangelho de Marcos. Em Marcos 8. 11, 12, os fariseus pedem por três vezes a Jesus que lhes desse um sinal (*σημειον*). Jesus recusou com firmeza esses pedidos, indicando que esse era em si mesmo um indício de descrença, e não de fé. A mesma palavra é usada de forma pejorativa em Marcos 13. 22 quando Jesus fala sobre o surgimento de falsos profetas apresentando “sinais”

³ Não nos deteremos a uma análise das diferenças no discurso por falta de espaço e por não possuir relevância para o nosso estudo.



(σεμειον) com o intuito de enganar. A estrutura de Mc 13. 5 revela a ênfase dada pelo autor ao início do discurso de Jesus.

5 Ὁ δὲ Ἰησοῦς ἤρξατο λέγειν αὐτοῖς Βλέπετε μή τις ὑμᾶς πλανήσῃ

O texto inicia com um contraponto de relevância (Ὁ δὲ) que demonstra não apenas um semitismo, mas também é um prefácio solene indicando a importância da admoestação seguinte. Jesus alerta que os sinais enganam e levam a pessoa a se desviar pois pode mudar o foco (Jo 12. 37 – 43). Além disso, os sinais mencionados na primeira metade do Sermão indicam o oposto do que alguém poderia esperar e a sua conclusão é: *“ainda não é o fim”*. (Mt 24. 6; Mc 13. 7; Lc 21. 9⁴)

O sermão revela que as ameaças ao discipulado vêm de muitos lados. Porém as grandes ameaças, ao contrário do que se poderia esperar, não são externas, mas surgem no seio da família da fé. Enganadores se levantarão reclamando para si o título (e status) de Messias. Essas não serão aparições esporádicas e ocasionais; haverá muitos que aparecerão com modos e aparência messiânicos, e eles levarão a muitos a se desviarem. Nos anos que antecederam a Revolta Judaica (66 d. C), este fervor messiânico voltou a crescer na Palestina levantando vários pretendentes messiânicos. Ao longo da história, mesmo antes do ministério de Jesus, em determinados momentos o sentimento messiânico impulsionou os judeus. O historiador Lucas ao registrar o discurso de Gamaliel menciona Teudas e Judas que foram considerados, por alguns, o Messias. Josefo fala de um egípcio que afirmava ser um “profeta” que enganou a muitos. João fala sobre anticristos que haviam no meio da igreja em seus dias (1 Jo 2. 18, 19).

Muitas vezes a nossa ideia acerca do anticristo é de alguém que se levantaria contra Deus e contra tudo o que é religioso. Mas ao observar as profecias e o Sermão Profético de Jesus entendemos que o anticristo não virá

⁴ Quando observamos esta expressão nos Evangelhos percebemos uma ligeira alteração que está presente no texto em português. O evangelista Lucas altera uma palavra em sua narrativa que merece certo destaque. Compare os textos: Mateus: ἀλλὰ δεῖ εἶναι ἀκομὴν τὸ τέλος; Marcos: ἀλλὰ δεῖ εἶναι ἀκομὴν τὸ τέλος. Encontramos na narrativa de Marcos o mesmo padrão do texto de Marcos. Já o texto de Lucas apresenta uma mudança sinônima que possui certa relevância. Lucas: ἀλλὰ δὲν ἀκολουθεῖ ἀμεσὸς τὸ τέλος.



em oposição a Cristo, mas imitando a Cristo. Este é o sentido do termo $\alpha\nu\tau\iota$ com o sentido de “aquele que imita”, não aquele que se opõe. Jesus afirma que estes se apresentarão declarando ser o Messias (veja Mc 13. 6 Ἐγὼ εἶμι). O “Eu sou” é o nome que Deus se identifica no Antigo Testamento (Êx 3. 14). É a forma como Jesus se identifica no Evangelho de João, o que indica que não existe nenhuma diferença material entre a afirmação de Jesus e a do anticristo. Quando olhamos para o Apocalipse esta ideia se confirma na figura da besta que emerge da terra e que *“possuía dois chifres, parecendo cordeiro”* (Ap 13. 11). Os que creem em Cristo precisam estar alertas para não serem enganados (Mt 24. 4) para entender se aquele que fala representa Deus, ou apenas usa Deus e os artigos da ortodoxia para outros propósitos. Os impostores virão até mesmo *“em meu nome”*, disse Jesus, ou seja, com mais do que palavras. Os poderes e as credenciais deles darão a impressão de que são o Cristo, e o impacto que causarão será grande. Estes estão presentes no mundo desde o primeiro século e dia a pós dia, novos anticristos tem surgido no mundo.

Jesus adverte a seus discípulo dizendo que além das perseguições naturais, eles não deveriam esperar por tempos mais fáceis, pois o “abominável da desolação”, uma referência ao livro de Daniel, iria surgir e as dificuldades iriam intensificar.

A catástrofe que se abateu sobre Jerusalém na Guerra Judaica de 66 – 70 d. C. era um paradigma na história dos aís que transpiraram no fim da história, antes do retorno do Filho do Homem.

Paralelo ao alerta da “Grande Tribulação”, o Mestre retoma o tema sobre falsos profetas e falsos cristos, novamente alertando os discípulos de que estes deveriam estar alertas para não serem enganados por suas falácias.

Algo intrigante é o fato do Sermão Profético de Jesus não facilitar a determinação do tempo de seu retorno, o que ele mesmo deixa claro (Mt 24. 36; Mc 13. 32⁵), e não era a intensão do Mestre que seus ouvintes pudessem

⁵ A última parte do Sermão Profético inicia com a declaração de Jesus sobre o desconhecimento de todos sobre “o dia” (ou os dias) do eschaton. Esta afirmação se tornou uma “pedra de tropeço” para a igreja ao longo de sua história. Ela foi grandemente discutida pelos Pais da Igreja dos séculos III e IV



determinar o tempo do cumprimento de seu retorno. Esta é a principal razão de uma narrativa envolta em mistérios.

Diante disto, qual a razão de Jesus proferir o Sermão Profético? Ele inicia o discurso alertando os discípulos que estivessem atentos para não serem enganados por aqueles que se levantariam como o Messias, ainda que estes fizessem sinais. Outra razão é que os discípulos conseguissem entender que a perseguição era uma grande oportunidade de proclamação do verdadeiro evangelho, em oposição a mensagem dos falsos profetas e falsos cristos.

CAPÍTULO 3

COMPARANDO AS PROFECIAS

1. DANIEL E APOCALÍPSE

Há uma íntima relação entre a profecia de Daniel em seu livro e a profecia de João no Apocalipse.

Observe o quadro a baixo:

Apocalipse	Daniel	CONTEÚDO
1.7	7.13	A vinda do Ancião de Dias
1.13 a	7.13	O Filho do Homem
1.13 b	10.5	O Sacerdote
1.14	7.9	O Ancião de Dias
1.14	3. 25; 10.6	O quarto homem na fornalha
5.11	7.10	A multidão ao redor do trono
7.14	12.1	Os que venceram na Grande Tribulação
9.20	5.4	A dureza de coração dos adoradores de ídolos
10.5,6	12.7	O anjo ergue a mão e jura por aquele que vive para sempre
11.7	7.3,21	As forças do mal prevalecem

porque os arianos o citaram em apoio à sua ideia de que o Filho era subordinado a Deus e por isso não era Deus, mas o primeiro ser criado por Deus.

A ideia de que o tempo do eschaton é conhecido apenas por Deus é típico da literatura judaica, mesmo os livros pseudoapocalípticos: *“Concernente aos sinais sobre os quais me pergunta, posso dizer em parte; mas não fui enviado para lhes dizer algo concernente a sua vinda, pois eu não sei.”* (4 Ed 4. 52).

Há, também o fato de alguns manuscritos não apresentarem a expressão οὐτε ὁ Υἱος em Mateus mostrando que o tempo de sua vinda não é desconhecido ao Filho. Outros argumentam que Jesus está falando de sua natureza humana que desconhecia o tempo dos eventos futuros, considerando as duas naturezas do Redentor. Reconhecemos que nenhuma destas explicações solucionam definitivamente o problema interpretativo desta passagem específica, o que revela que a volta de Jesus e os eventos que podem indicar a proximidade de seu retorno de forma clara estão envoltos em mistérios eternos.

11.15	7.14,27	O reino do mundo se torna do Senhor
12.3	7.7	A descrição de um animal (dragão) espantoso
12.4	8.10	“Estrelas” sendo lançadas por terra
12.7	10.13,21	Miguel
12.14	7.25; 12.7	Um tempo, tempos e metade de um tempo
13.1	7.3,7	A besta que surge do mar
13.2	7. 4-6	Leão, urso e leopardo
13.5,6	7.8,25	Blasfêmia contra Deus
13.7	7.21	A besta prevalece contra os santos
14.14	7.13	O Filho do Homem
17.8	7.3	A visão da besta
17.12	7.24	O significado dos dez chifres
19.12	10.6	Olhos como chama de fogo
20.4	7.9,22,27	Os tronos
20.11,12	7.9,10	Tronos, o Trono e o julgamento
22.5	7.18,27	Os santos reinam com o Senhor
22.11	12.10	Os perversos, os juntos e suas práticas

Quando comparamos cada uma das profecias, percebemos que há grande correspondência entre elas. Mas a ordem em que João nos apresenta parece ser mais organizada. Isto, deve-se ao fato da natureza revelacional, como já mencionamos acima, e por ser adaptável. No período de Daniel a revelação ainda não estava completa e ela vai reverberando na história e se cumprindo em pequena escala até alcançar seu pleno cumprimento.

Podemos dividir a profecia de Daniel em três grupos sendo o sonho de Nabucodonosor a profecia origem e vai sendo ampliado até alcançar o seu clímax no capítulo final:

Capítulo 2 – O sonho de Nabucodonosor

Capítulo 7 – Os quatro animais

Capítulo 8 – O carneiro e o bode

Capítulo 9 – O desenvolvimento histórico

Capítulo 10 – Introdução

Capítulo 11 – O desenvolvimento histórico

Capítulo 12 – A consumação

Em Apocalipse o autor repete sete vezes a mesma profecia ampliando os detalhes a cada nova seção. Podemos dispor assim a divisão do livro do Apocalipse:

1. Sete candeeiros – Cristo e a Igreja (1 – 3)
2. Sete selos – Cristo controla a história (4 – 7)
3. Sete trombetas – Cristo protege a igreja (8 – 11)
4. A trindade do mau – O Dragão, a Besta e o Anti-Cristo (12 – 14)
5. Sete taças – A ira de Deus revelada no juízo (15 – 16)
6. A derrota dos agentes do Dragão – A Meretriz, a Besta e o Falso Profeta (17 – 19)
7. O Reinado de Cristo – Seu Reinado começa na primeira vinda (20 – 22)

Como vimos, tanto Daniel quanto Apocalipse possui o mesmo estilo, sendo que o Apocalipse amplia, ainda mais, os detalhes das profecias de Daniel.

2. DANIEL E O SERMÃO PROFÉTICO DE JESUS

O principal tema correspondente entre o livro de Daniel e o Sermão Profético de Jesus seja o Anticristo. Em seu sermão Jesus fala sobre a vinda de vários anticristos que se apresentam com a intenção de enganar a muitos.

Quando introduz o tema da Grande Tribulação, Jesus cita o “abominável da desolação de que falara Daniel”. O termo “abominável da desolação” é retirado de três referências enigmáticas de Daniel (9. 27; 11. 31; 12. 11) para um escândalo que poderia macular e profanar o templo de Jerusalém. Esta mesma expressão aparece em 1 Macabeus 1. 54 e nos versículos 33 – 35 lemos: *“Então reconstruíram a cidade de Davi, dotando-a de grande e sólida muralha e de torres fortificadas, e dela fizeram a sua Cidadela. Povoaram-na de gente ímpia, homens perversos, e nela se fortificaram. Abasteceram-na de armas e víveres.”*

Quando olhamos para o livro de Daniel, vemos o plano de Deus no decorrer da história no sonho de Nabucodonosor, dos quatro animais, na visão do carneiro e o bode e na exposição detalhada das disputas políticas no decorrer da história. Os detalhes no livro de Daniel tem despertado nos críticos o



ceticismo quanto a data e autoria do livro, por alegar que não seria possível a Daniel saber dos detalhes históricos como apresentados em seu livro.

Quando Daniel fala sobre o “abominável da desolação”, segundo alguns estudiosos, ele está se referindo a Antíoco IV, aquele que evocou para si o epíteto de *Epifânio* (manifestação da divindade). Este título foi uma afronta para os judeus que esperavam o Messias, aquele que seria a manifestação da divindade e que após o cativo babilônico não mais adoraram outros deuses. É verdade que temos registros históricos de idolatria em Judá após o cativo babilônico, mas estas foram pontuais, como nação, Judá nunca mais se prostrou diante de outros deuses.

Quando o mundo foi dividido entre os quatro generais de Alexandre o grande e a Palestina se tornou o alvo da disputa entre ptolomeus e selêucidas, vindo a pertencer aos selêucidas, Antíoco IV oprimiu duramente os judeus o que fez surgir a revolta dos Macabeus liderada, principalmente, por Judas. A impressão que temos, lendo o registro histórico é que a profecia de Daniel se cumpria ali, mas Jesus, em seu Sermão Profético, dá uma nova dimensão às palavras de Daniel, falando de um “abominável da desolação”. Três possibilidades são mais aceitas entre os estudiosos. Uma foi a tentativa ególatra do imperador romano Calígula (37 – 41 d. C.), que tentou erigir estátuas de si mesmo no templo de Jerusalém e que queria que fossem adoradas como deus. A estátua de Calígula, apesar da conveniência desta representar o sacrilégio terrível, difere em dois aspectos relevantes da descrição no Sermão Profético. Primeiro – os judeus, durante o desastre causado por Calígula, não fugiram para os montes, como Jesus orienta em seu Sermão, antes, “*apresentaram a si mesmos, a suas esposas e filhos para o massacre*”⁶. O segundo, e mais importante, as estátuas de Calígula jamais foram erigidas por causa da recusa de Petrônio, o general no comando das operações, e ao assassinato subsequente do imperador. O que tornou desnecessário fugir de Jerusalém.

A segunda é a destruição do templo de Jerusalém (70 d. C.), pois o Senhor Jesus usa a expressão “*no lugar santo*” (Mt 24. 15). Esta referência em Mateus pode ser algo relacionado ao templo, mas para que tal interpretação

⁶ JOSEFO, Flávio *Guerras* 2.197



fosse verdadeira teríamos que uni-la com Lucas 21. 20 que trata do cerco de Jerusalém. Ambas estão no contexto do Sermão Profético, mas a narrativa de Marcos, parece dar outra conotação. Considerando que Marcos é a fonte para Mateus e Lucas, parece pouco provável que os discípulos posteriormente entenderam a destruição do templo de Jerusalém como o cumprimento da profecia de Jesus. As palavras que seguem, narrando o comportamento dos judeus, não é o mesmo encontrado no período da destruição do templo de Jerusalém, quando os judeus enfrentaram os romanos com bravura e muitos, vendo que seriam capturados, cometeram suicídio para não se entregarem aos romanos.

A terceira possibilidade de interpretação é que o “abominável da desolação” seja uma referência ao “homem do pecado” (2 Ts 2. 3, 4), que exaltará a si mesmo como Deus no templo (ou como “Filho de Deus” conforme o Didaquê 16. 4). A estrutura do texto de Paulo em 2 Tessalonicenses e a de Marcos são muito parecidas. Os dois textos descrevem um anticristo blasfemo que fará uma ação escandalosa que desencadeará o retorno do Senhor. Tanto o texto de Paulo quanto o Sermão de Jesus alertam os discípulos contra pressupostos escatológicos equivocados, especificamente contra serem enganados por sinais e maravilhas.

A interpretação mais plausível é que Jesus estivesse falando que o cumprimento pleno da profecia de Daniel fosse a chegada do anticristo, ainda que em menor escala o “abominável da desolação” se revele ao longo da história, ou pelo menos, figuras que apontam para aquele que será o verdadeiro “homem do pecado”.

3. O SERMÃO PROFÉTICO E O APOCALIPSE

Fica claro aos olhos do leitor que as profecias escatológicas das Escrituras estão em perfeita harmonia e são complementares, exatamente por isso podemos estabelecer um paralelo entre o Sermão Profético e o Apocalipse. Vários são os pontos de ligação entre os dois textos, contudo, precisamos focar em alguns apenas, considerando aquilo que nos propomos.

Como vimos acima, o “abominável da desolação” mencionado por Jesus em referência à profecia de Daniel provavelmente seja o anticristo que no Apocalipse



aparece de algumas formas, sendo uma delas a besta que emerge da terra. Sua descrição impressiona pela diferença da besta que emerge do mar e sua semelhança com o cordeiro (“chifres de cordeiro” conforme Ap 13. 11). Além de sua aparência que engana, por isso os discípulos de Jesus deveriam estar alertas (Mt 24. 4; Mc 13. 5; Lc 21. 8⁷) observando a voz de dragão (uma clara alusão a Satanás conforme Ap 12. 9 e 20. 2), a besta da terra opera sinais “*e até fogo faz descer dos céus*” (Ap 13. 13) uma imitação de Elias. Jesus fala sobre sinais operados pelos falsos profetas e falsos cristos (Mt 24. 24 e Mc 13. 22) que contrasta com o sinal do Filho do Homem. O que fica claro é que tanto Jesus quanto João são unânimes em afirmar que o anticristo tentará imitar o Cristo e com isto enganará a muitos.

Tanto o Sermão de Jesus quanto o Apocalipse tem a intenção de alertar e fortalecer os cristãos diante das lutas e dificuldades que eles iriam enfrentar. Este é o ponto central das profecias escatológicas, não determinar o tempo do fim ou facilitar nossa compreensão do tempo em que vivemos de forma que possamos determinar quanto tempo falta para a vinda do Senhor, mas para nos fortalecer diante das dificuldades e mostrar que a história da humanidade já foi predeterminada e o Cordeiro é o grande vencedor, não apenas numa perspectiva escatológica, mas agora. Isto está presente nos textos do Antigo Testamento e nos textos do Novo Testamento e sempre antecipando o escatón para os nossos dias, fazendo a Nova Jerusalém descer sobre o lugar onde nós estamos, ao mesmo tempo que faz surgir em nossos lábios o brado de *hosana!*

CAPÍTULO 4

O MILÊNIO

1. PRÉ MILENISMO

O Pré milenismo é uma linha de interpretação que se baseia em Apocalipse 20 e define o milênio mencionado ali como: um período de mil anos, predito pelos profetas como sendo o reinado Messiânico, ou seja, o reinado do céu estabelecido na terra, inaugurando uma nova era espiritual, um tempo probatório, especialmente para os que nascerem na época dourada em que Satanás estiver preso. O Milênio não é o fim nem a consumação de todas as coisas, como alguns supõem, mas um tempo de provação e de preparação para

⁷ Como vimos, esta declaração não apenas abre o Sermão Profético, mas possui grande peso considerando a possibilidade de engano que o anticristo produzirá.



o desfecho completo da obra de Deus, quando então o Senhor Jesus, depois de dominar todas as coisas, entregará o reino ao Pai.

O Pré Milenismo se divide em histórico e dispensacionalista. Em ambos, Satanás será preso por mil anos e este tempo é literal. Divide-se, também em Pré Tribulacionista e Pós Tribulacionista.

Para os Pré Tribulacionistas a Igreja será arrebatada antes da grande tribulação, porque o Senhor sempre livrou o seu povo da destruição. Foi assim com Ló que foi tirado de Sodoma antes desta ser queimada com fogo e enxofre. Da mesma forma, o Senhor, livrará os seus da Grande Tribulação.

Os Pré Milenistas Midi Tribulacionistas se baseiam na declaração de Jesus em seu Sermão Profético quando o Mestre diz: *“Não tivessem aqueles dias sido abreviados,”* (Mt 24. 22) e as muita ocorrências de três anos e meio nas profecias escatológicas. Sendo assim, Jesus retirará a sua Igreja no meio da tribulação.

O Pré Milenismo Dispensacionalista, que é a linha mais comum entre os cristãos, divide a história da humanidade em sete dispensações que são:

1ª A Dispensação da Inocência – Esta dispensação estende-se da criação de Adão e Eva até sua expulsão do jardim no Éden, e, não podemos inferir a duração desse tempo.

2ª A Dispensação da Consciência – Sua duração foi da Queda até o dilúvio

3ª A Dispensação do Governo Humano – Iniciou-se na saída de Noé e de sua família da arca e se estendeu até Terá.

4ª A Dispensação da Promessa – Tem seu início no chamado de Abraão e vai até chegada do povo de Israel no monte Sinai (Êxodo 19)

5ª A Dispensação da Lei – Começa quando Deus entrega a sua Lei à Moisés e se estende até João Batista

6ª A Dispensação da Graça (ou da Igreja) – Tem seu início no Pentecostes e vai até a prisão de Satanás

7ª A Dispensação do Reino – Acontecerá no milênio



2. PÓS-MILENISMO

O Pós Milenismo é uma linha de interpretação positivista esperando que a proclamação do evangelho ganhe a vasta maioria dos seres humanos para Cristo na presente era. O aumento do sucesso do evangelho produzirá gradualmente um tempo na história antes do retorno de Cristo no qual a fé, justiça, paz e prosperidade prevalecerão nos assuntos do povo e das nações. E isto seria o Milênio com Cristo reinando através da Igreja pela transformação social que o cristianismo conseguirá implantar no mundo.

Após uma extensa era de tais condições, o Senhor retornará visível e corporalmente, e em grande glória, terminando a história com a ressurreição geral e o grande julgamento de toda a humanidade, embora exista uma linha no Pós Milenismo que acredita na volta de Jesus como um “horizonte utópico”.

O Pós Milenismo não é muito divulgado em nossos dias e nunca assumiu preeminência na teologia escatológica. Seu melhor período foi entre os séculos XV e XVII.

3. AMILENISMO

Esta nomenclatura não é a que melhor define esta linha de interpretação, pois o prefixo “a” se refere a uma negação e os adeptos desta forma de interpretação não negam a existência do milênio, apenas defendem que os mil anos descritos em Apocalipse 20 não correspondem a mil anos literais.

Existem algumas variações na posição Amilenista (o que não é o foco de nosso estudo), mas via de regra, os adeptos desta linha interpretativa defendem que Satanás foi preso na cruz considerando que Apocalipse 19 encerra a sexta seção com a vinda de Cristo, teríamos uma nova seção iniciada no capítulo 20 com os eventos relacionados à cruz de Cristo. Sendo assim, o que o apóstolo João fez foi seguir o seu estilo, tão presente no Apocalipse, apresentando de forma metafórica a vitória de Cristo sobre Satanás o prendendo.

O número mil, também não é algo literal, mas uma referência que valoriza a vitória de Jesus. Em Apocalipse o número dez está muito relacionado a Satanás, o dragão (Ap12) tem dez chifres; a besta do mar (Ap 13) tem dez chifres; a besta sobre a qual a grande meretriz está sentada (Ap 17) tem dez chifres, estes são apenas alguns



exemplos. O número mil seria dez elevado a centésima potência, uma alusão ao período em que Satanás estava mais poderoso, sua ação era devastadora, neste período o Senhor Jesus o despojou e triunfou sobre ele na cruz (Cl 2. 10 - 15).

Mas, se Satanás está preso, como continua agindo no mundo? A resposta Amilenista à esta questão está baseada em Apocalipse 20. 3

καὶ ἔβαλεν αὐτὸν εἰς τὴν ἄβυσσον καὶ ἔκλεισεν καὶ ἐσφράγισεν ἐπάνω αὐτοῦ ἵνα μὴ πλανήσῃ ἔτι τὰ ἔθνη ἄχρι τελεσθῇ τὰ χίλια ἔτη μετὰ ταῦτα δεῖ λυθῆναι αὐτὸν μικρὸν χρόνον.

Note que no texto a finalidade da prisão de Satanás é *“para que não mais enganasse as nações”*, no grego percebemos isto pela estrutura da frase, pois temos um ἵνα (*hina*) mais um verbo no modo subjuntivo que significa propósito. Até o evento da cruz, todas as nações eram enganadas por Satanás, com exceção de Israel, mas na cruz, Cristo atraiu todas as nações a ele (Jo 12. 32) quebrando os laços do diabo e sua influência sobre as nações. É por isso que os gentios são atraídos à Cristo, pois Satanás está preso não sendo mais capaz de enganar as nações. Esta prisão não significa uma remoção total da atividade de Satanás e seus demônios na terra, mas da limitação de suas ações.

Outros textos bíblicos são usados pelos Amilenistas para validar esta opinião, um deles é Mateus 12. 29 quando é falado sobre o ato de Jesus amarrar o Valente, o que é interpretado pelos Amilenistas como o ato de amarrar Satanás dentro da obra de Cristo na cruz.

É verdade que todas as três linhas de interpretação possuem suas dificuldades e precisam ser analisadas de forma madura e consciente. E como já foi dito, a volta de Jesus está envolta em mistério e seu anúncio nas Escrituras é para que tenhamos segurança em tempos difíceis de que todas as coisas continuam, como sempre estiveram, sob a poderosa mão d’Aquele que governa tanto a história do universo, quanto a história de cada uma de suas criaturas.

Que o estudo de escatologia encha o nosso coração de certeza e esperança de que o Senhor está conosco e que Ele continua assentado no trono.

A Ele a glória pelos séculos dos séculos, amém.

